

Intervenção na educação brasileira em tempos de pandemia: a visão dos profissionais que estão na linha de frente do atendimento à comunidade escolar do IFSC no Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt*
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom**
Idianes Tereza Mascarelo***

Resumo.

A presente pesquisa objetiva discutir os impactos e analisar as estratégias utilizadas pelos profissionais das equipes pedagógicas dos 23 câmpus do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFSC) do Brasil, para o enfrentamento da pandemia causada pela infecção pelo novo coronavírus (SARS-2) que causa a doença Covid-19. Essa investigação apresenta os dados coletados através de uma pesquisa de campo. De maneira geral, os principais impactos apontados pelos profissionais citados foram em relação às mudanças ocorridas na vida pessoal e familiar, dificuldades tecnológicas, bem como, efeitos psicológicos. A equipe pedagógica identifica as estratégias utilizadas para superação dos principais desafios que se estabeleceram na execução das atividades multidisciplinares. Destaca-se: a necessidade de um novo olhar diante do fazer profissional, de maneira a humanizar as relações educacionais. As consequências do trabalho pedagógico remoto atingem diretamente o cotidiano e a vida desses profissionais, sentimentos de angústia e instabilidade aparecem ligados à preocupação com o repensar do exercício da profissão, suas práxis educativas e também a reflexão sobre a necessidade de se reinventar enquanto profissionais de educação no pós-pandemia.

Palavras-chave.

Educação, intervenção social e humanística, pandemia de coronavírus, trabalho remoto na educação.

Abstract.

This research aims to discuss the impacts and analyze the strategies used by the professionals of the pedagogical teams of the 23 campuses of the Federal Institute of Education, Science and Technology (IFSC) in Brazil, to face the pandemic caused by the infection by the new coronavirus (SARS- 2) that causes Covid-19 disease. This investigation presents the data collected through a field survey. In general, the main impacts pointed out by the professionals cited were in relation to changes in personal and family life, technological difficulties, as well as psychological effects. The pedagogical team identify strategies used to overcome the main challenges that were established in the execution of multidisciplinary activities. It stands out: the need for a new look in the face of making professionals, in order to humanize educational relations. The consequences of remote pedagogical work directly affect the daily lives and lives of these professionals, feelings of anguish and instability appear linked to the concern with rethinking the exercise of the profession, their educational praxis and also the reflection on the need to reinvent themselves as education professionals in the post-pandemic.

Keywords.

Education, social and humanistic intervention, coronavirus pandemic, distance work in education.

* Mestra em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFSC) e Servidora Assistente Social do IFSC câmpus de São Miguel do Oeste – Santa Catarina-Brasil. E-mail: adrianarschmitt@gmail.com

** Mestra em Educação (PPGE/UNOCHAPECÓ). Pedagoga do IFSC. Contato: jacinta.marcom@ifsc.edu.br

*** Mestra em Educação (PPGEDU /UPF) . Pedagoga do IFSC. Contato: idianes.mascarelo@ifsc.edu.br



Introdução

O mundo vive hoje a maior pandemia que se tem conhecimento nos últimos cem anos. Ela é conhecida como a Covid-19, doença que se espalhou rapidamente em várias regiões do mundo, com diferentes impactos. Segundo a própria Organização Mundial da Saúde (OMS), em 18 de março de 2020, os países não tinham planos estratégicos prontos para serem aplicados no combate a uma pandemia dessa magnitude. Todos os efeitos causados por ela são novos e por isso aumentam ainda mais as dificuldades de lidar com esse contexto. De acordo com especialistas essa doença é causada pelo coronavírus denominado SARS-CoV-2 e provoca infecções respiratórias. Nesse cenário, fazendo uma análise realista recorreremos às palavras de Oliveira (2020, p. 01) para destacar que:

[...] o avanço do novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, sobre os países tem gerado a interrupção das atividades cotidianas da população, devido à necessidade de isolamento social para frear a evolução da doença, que em menos de 4 meses já se expandiu para 190 países, incluindo o Brasil.

É importante ressaltarmos que em julho de 2020 o Brasil passou a ser o segundo país com mais casos de Covid-19 do mundo, ficando atrás somente dos EUA. De acordo com a OMS os sinais e sintomas provocados pelo vírus evoluem rapidamente e causaram a morte de mais de setenta mil brasileiros entre abril e início de julho de 2020.

Nessa mesma linha, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, em coletiva de imprensa, realizada a treze de abril 2020, preocupado com o avanço da pandemia ressaltou que países e territórios não devem abandonar medidas de isolamento social durante a transmissão do novo coronavírus. Frisou que a volta às atividades deve acontecer somente quando a transmissão estiver controlada. Quando o sistema de saúde for capaz de detectar, testar, isolar e tratar todos os casos de Covid-19 e rastrear todos os contatos. Para Tedros, os riscos de surtos devem ser minimizados em contextos específicos, além de observar medidas preventivas em locais de trabalho, escolas e outros espaços que abrigam atividades essenciais. Salienta que os riscos de importação podem ser gerenciados e que as comunidades podem ser totalmente educadas, engajadas e capacitadas para se ajustarem à “nova norma” (OMS, 2020).

Contudo, as orientações da ONU divulgadas no dia 07 de julho de 2020 indicando que a Covid-19 também pode ser transmitida também pelo ar, preocupou ainda mais governantes e a própria população. Assim, as medidas de prevenção até então utilizadas são importantes, mas insuficientes. Nesse contexto a ONU sugere que todo o modelo de distanciamento social teria de ser repensado, especialmente os lugares de aglomerações, destacando as escolas como um espaço com potencial crítico de contaminação. “Na maior parte do mundo, o vírus não está sob controle. Ele está piorando”, são mais de 544 mil mortes até agora. “A pandemia ainda está se acelerando. O número dobrou em seis semanas”, alertou Tedros



Ghebreyesus em uma coletiva de imprensa realizada a 09 de julho de 2020 (OMS, 2020).

No Brasil, no dia 06 de fevereiro de 2020 foi assinada a Lei 13.979 que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública e impôs à comunidade internacional a lei da “quarentena”. Também na avaliação dos especialistas, pesquisadores e médicos, a educação foi percebida como um meio eficiente de transmissão comunitária da Covid-19 e, portanto, precisou ter suas aulas suspensas de forma imediata. Diante dessa situação as instituições escolares tiveram que se reinventar e adotar novas estratégias para atender seus estudantes de forma remota, assim os recursos tecnológicos passam a ser fundamentais para auxiliar no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Todavia, movidos pela urgência de respostas coube aos profissionais da educação (professores, gestão e coordenadorias pedagógicas) buscar recursos nas mídias e multimídias com o objetivo de garantir o acesso à produção dos saberes escolares, bem como preservar a vida dos atores envolvidos. De fato, as tecnologias se misturaram à vida das pessoas. Entretanto, Almeida (1988) afirma que a tarefa dos educadores cumpre desenvolver uma pedagogia do uso crítico da informática na educação.

Neste contexto, o IFSC, seguindo as primeiras ações contra o Coronavírus, dispostas na normativa publicada em 16/03/2020 pelo Comitê Operativo de Emergência (COE) do Ministério da Educação (MEC), publicou a portaria da reitora nº 1178, de 16 de março de 2020, para evitar a proliferação do coronavírus em Santa Catarina. Atualmente, a resolução vigente determina a suspensão das atividades presenciais até o dia 31 de dezembro. O calendário escolar não foi suspenso e os servidores passaram a desenvolver suas atividades em home office (IFSC, 2020).

Por conseguinte, a decisão do Colégio de Dirigentes (CODIR) pela não retomada das atividades escolares presenciais entre março e dezembro 2020, baseia na situação de descontrole da pandemia no Brasil. No dia 15/07/2020 o Estado de Santa Catarina registrou 36 mortes por Covid-19. Salienta-se que esse foi o número diário mais alto do Estado catarinense durante a pandemia, totalizando 590 óbitos desde março de 2020. Ainda assim, figura como o segundo estado brasileiro em que a pandemia evoluiu de forma mais acelerada e descontrolada, com 47.976 casos confirmados da doença no estado, segundo o [Jornal Diário Catarinense de 15 de Julho de 2020](#).¹

Vale destacar que o IFSC é uma instituição centenária, referência na educação profissional e tecnológica no estado de Santa Catarina e no sul do país. Destacamos que em 2019 matriculou 62.674 estudantes distribuídos pelos seus 23 três câmpus, dentre estes, o câmpus de São Miguel do Oeste onde trabalham na equipe pedagógica, as autoras deste estudo.

Salientamos que a pandemia alterou substancialmente a vida das pessoas, e por consequência, a vida de toda a comunidade escolar. Segundo a UNESCO, 90% dos estudantes do mundo estão sem frequentar a escola durante a crise pandêmica, o que certamente tem sacudido a educação formal, essencialmente no Brasil, onde a educação pública é penalizada há décadas pelo descaso dos governantes com os escassos investimentos, e porque não dizer, com o sucateamento da rede pública federal de educação. Por conta da pandemia, e diante da necessidade de manutenção das atividades letivas não presenciais (ANPS) denota-se ser fundamental a contribuição da tecnologia para a construção do conhecimento, a inserção tecnológica na educação, e a qualificação dos profissionais da educação. Ainda que, segundo Libâneo (2014), as exigências educacionais contemporâneas têm



pressionado as instituições escolares a ajustar-se ao uso das tecnologias.

O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender, competência para agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias. (Libâneo, 2014: 4).

Por certo, as instituições educacionais não encontram-se preparadas nem tecnologicamente, nem pedagogicamente para os desafios impostos pela educação não presencial. Indubitavelmente essa pandemia vem trazer subsídios importantes que agregam a essa discussão cabendo à escola encontrar possibilidades de oportunizar aos estudantes experiências com o novo “normal” que vem se estabelecendo. Para Gatti (1993 cit in Mainart; Santos, 2010: 3) “A incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade de ensino”, pois a simples presença das tecnologias não garante o aprendizado.

Com base nessa realidade, se desenvolve a presente discussão pautada em uma pesquisa de campo, que visa conhecer os efeitos e impactos e analisar as dificuldades, estratégias e proposições vividas pelos profissionais de educação (psicólogos, pedagogos, assistentes de alunos, assistentes sociais e técnicos em assuntos educacionais) que compõem as coordenadorias pedagógicas dos vinte e três câmpus do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFSC)¹ e que atuam no atendimento

como suporte aos estudantes no enfrentamento à emergência de saúde pública que atingiu o mundo em 2020, devido a infecção do novo coronavírus (Sars-CoV-2) causadora da doença Covid-19.

A seguir, passamos a discutir os dados da pesquisa coletados a partir de um formulário do google drive com perguntas abertas e fechadas sobre a situação vivenciadas pelos profissionais acima descritos no que se refere ao trabalho em tempos de pandemia. Responderam esse questionário 32 servidores, integrantes das coordenações pedagógicas dos 23 câmpus do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) entre os dias 28 de maio de 28 de junho de 2020.

Traçando o perfil do público da pesquisa identificamos cinco áreas diferentes de profissionais que atuam na equipe multidisciplinar sendo que 29% destes são assistentes sociais, 41,9% são pedagogos, 19,4% são técnicos em assuntos educacionais, 3,2% são psicólogos e 6,5% são assistentes de alunos. Percebe-se ainda, que a maioria são mulheres, alguns participantes têm pouco tempo de experiência em sua atividade, não ultrapassando os cinco anos. De maneira geral, as equipes multiprofissionais desenvolvem atividades interdisciplinares, visando a prática coletiva e qualificada na prevenção e intervenção frente às situações vivenciadas pelos estudantes, famílias, professores e a comunidade externa aos câmpus.

Destaca-se também que essa equipe está na linha de frente e busca meios para superar os desafios impostos pela pandemia no que se refere ao atendimento da comunidade escolar. Ainda, tanto instituições como os seus profissionais foram desafiados a desenvolver dinâmicas de intervenção visando identificar, diagnosticar e implantar meios de atingir o objetivo final da educação. Como muito bem salienta Freire (2004: 15):

¹ O Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) é uma instituição pública federal de ensino. Atua na oferta de educação profissional, científica e tecnológica, oferecendo cursos nos mais diversos níveis: qualificação profissional, educação de jovens e adultos, cursos técnicos, superiores e de pós-graduação distribuídos nos 22 câmpus presenciais e um centro de EAD (CERFEAD).



A educação faz sentido porque as mulheres e homens aprendem que através da aprendizagem podem fazer-se e refazerem-se, porque mulheres e homens são capazes de assumirem a responsabilidade sobre si mesmos como seres capazes de conhecerem.

Assim, intervir em situações de saúde pública e pandemias é um desafio. Diante da quarentena imposta percebemos que o afastamento social fragiliza os vínculos, aprofunda a pobreza devido ao desemprego das famílias, e impõe prejuízos gigantesco ao processo de ensino-aprendizagem. Frente a essa crise sem precedentes, as equipes pedagógicas também estão tendo que se reinventar, uma vez que precisam lidar com a imprevisibilidade do ensino à distância e do acompanhamento pedagógico que acontece de forma remota, bem como com a distância e com o home office. Essa nova relação de trabalho, de ensinar, de aprender e de interagir atinge diretamente o cotidiano e a vida desses profissionais em seus mais diversos aspectos. É pois, desse contexto que partimos para identificar os desafios e as transformações enfrentadas pelas equipes pedagógicas do IFSC em seus 23 câmpus, bem como, para analisar as estratégias de trabalho utilizadas para minimizar os prejuízos no atendimento às demandas dos educandos, professores e famílias, diante do isolamento imposto pela pandemia de coronavírus desde 15 de março de 2020.

Essa nova realidade tem evidenciado ainda mais lacunas no atendimento pedagógico, pois nem sempre esse fazer é reconhecido dentro das instituições escolares, e por isso, destacamos a importância de aprofundar as discussões no sentido de buscar

novos horizontes ao trabalho destas equipes nos institutos federais, pautados no reconhecimento da sua relevância diante do indispensável suporte dados aos estudantes e aos docentes, especialmente no período da pandemia.

Concordamos que vários são os desafios enfrentados por psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, assistentes de alunos e técnicos em assuntos educacionais no desenvolvimento de suas mais corriqueiras atividades. O primeiro deles ganha força e perpassa o reconhecimento de sua própria identidade. Através das sábias palavras da participante (P17)² percebe-se esse imbróglio. A colaboradora afirma que a falta de clareza do papel das coordenadorias pedagógicas leva-as, na maioria das vezes, a ser vista “[...] como secretaria das Coordenações de Curso e Gestão”, mas na realidade entende ser “[...] uma equipe com conhecimentos especializados nas questões pedagógicas [...]”. Por isso, pensar sobre o seu fazer qualifica as ações que devem ser desenvolvidas, mas compreender o seu papel é essencial afinal equipe multidisciplinar é:

[...] um grupo de indivíduos com contributos distintos, com uma metodologia compartilhada frente a um objetivo comum, cada membro da equipa assume claramente as suas próprias funções, assim como os interesses comuns do coletivo, e todos os membros compartilham as suas responsabilidades e seus resultados (Zurro; Ferrero & Bas, 1991: 29).

É sabido que o acesso a uma educação de qualidade é direito e todos os estudantes, e nessa direção, outro grande desafio que demanda o pensar da equipe multidisciplinar se apresenta nas formas de comunicação oficialmente instituídas pelo IFSC, em todos os seus câmpus, utilizados para o contato com os estudantes e para o acompanhamento e orientação pedagógica nesse período de isolamento social. É pertinente acrescentar que na maioria

² Os profissionais, público alvo desta pesquisa, serão representados pelo codinome da letra “P” maiúscula seguido de um número. Usamos sempre a expressão “a participante” no feminismo dado que o público alvo da pesquisa são maioritariamente mulheres.



dos câmpus a luta se institui no sentido de ampliar tais canais, além de qualificá-los. Entretanto, durante a pandemia essa comunicação ficou restrita ao uso do e-mail institucional, o que demandou a utilização dos equipamentos (celulares) pessoais dos servidores para um atendimento efetivo da comunidade escolar. Para a participante (P7) o atendimento aos estudantes é essencial, mas, nos chama a atenção que neste período de quarentena,

[...] não existe uma ferramenta eficaz para que tenhamos contato direto. Acolher a todos mesmo estando isolados, conseguir pensar estratégias de ensino aprendizagem que não se perca a qualidade da interação existente em sala de aula. Conciliar trabalho e família com diversas atividades. Enfim, aprender e reaprender como se faz tudo, lidar com o isolamento e sentimentos de solidão (P7).

O precário potencial tecnológico da instituição interfere nas relações com os estudantes, e gera um sentimento de impotência e desestabiliza os profissionais no desenvolvimento das suas atividades durante esse período pandêmico, conforme relata a participante (P3).

Inexistência de uma base no SIGAA para acesso das coordenadorias pedagógicas que auxilie no acompanhamento dos estudantes e contato com os mesmos. Dificuldade de contato com os estudantes. Ausência de debate e construção coletiva das ações durante a pandemia e após, focando muito na individualidade. Falta de diretrizes institucionais (P3).

Agrega importância destacar, que além das dificuldades citadas pela participante (P28)

apresenta-se como fator relevante e que também contribui para aumentar a fragilidade dos profissionais, o momento institucional por que passa o IFSC decorrente da intervenção em relação ao processo eleitoral, o que deixa todos os servidores muito apreensivos e estressados.

Nesta mesma percepção outras falas como a da participante (P16) que relata a falta de informações sobre as atividades não presenciais desenvolvidas pelos docentes, aliada às poucas informações sobre os alunos, e os meios de como proceder para realizar as atividades propostas prejudicaram muito o trabalho dos Pedagogos, que realizam um trabalho de mediação do processo ensino e aprendizagem, e para isso precisam ter a visão da totalidade. Para a participante (P16) “o isolamento social repentino limitou dessas informações, levando-a a realizar uma pesquisa com os alunos sobre o que estava acontecendo (P16)”, para poder desenvolver suas atividades.

Para a participante (P20) um dos grandes desafios foi a falta de comunicação (com docentes e estudantes), a dificuldade de feedback instantâneo e da interação em tempo real para saber de suas necessidades e, assim, construir possibilidades de atuação. Além da sobrecarga mental pelas interações que puderam ser mediadas pela tela do computador (webconferência), por exemplo em dias com reuniões extensas. Segundo a participante (P20), outra dificuldade enfrentada foi a falta de conhecimento para dar suporte a docentes na construção das ANPs.³

A dificuldade de formação apropriada para desempenhar as atividades em home office foi destacado pela participante (P22), os desafios são grandes diante de uma realidade tão complexa, contudo o maior desafio para os servidores é manter um calendário acadêmico com aulas online, sem formação, sem nenhum treinamento e acima

³ ANP's são aulas não presenciais.



de tudo sem nenhuma discussão anterior. Este destaca que é desafiador, porque:

Vínhamos de um processo de aulas presenciais com metodologias construídas coletivamente com a comunidade acadêmica e de repente acordamos com outra modalidade de ensino (EAD) sem nenhuma discussão, sem formação e sem instrumentos necessários pra encaminhar as atividades aos estudantes. Para os estudantes ainda mais desafiador, porque além das atividades acadêmicas e sem ter as mínimas condições de executar com a dignidade humana, muitos estudantes lidam com as questões econômicas, de desempregados e o adoecimento frente às dificuldades vivenciadas no cotidiano” (P22).

Sob a visão dos mesmos profissionais anteriormente citados, os desafios apresentados vinculam-se principalmente a dois fatores: primeiramente à falta de contato pessoal, convívio, devido ao isolamento e que são relatados por 67,7% dos entrevistados, seguido de 58,1% que atribuem os desafios à falta de diretrizes gerais da gestão (reitoria) para encaminhamentos das atividades institucionais.

Outro fator de extrema importância que desafia pedagogos, psicólogos, TAES, assistentes de alunos e assistentes sociais, reverbera na falta de diretrizes institucionais que sejam capazes de orientar e assegurar a efetividade do trabalho da equipe das coordenadorias pedagógicas. Corroboram os apontamentos feitos pela profissional (P31) ao afirmar que a falta “Diálogo entre os pares, ausência de um fluxograma para estabelecer funções e atribuições específicas para o período e falta de um planejamento coletivo”, aumentam sentimentos de impotência diante . Da mesma forma, damos crédito ao exposto pela profissional (P19) que explicita serem desafios a “Redução da interação com outros setores, professores e alunos. Quebra

de rotinas e protocolos de trabalho. Ausência de ferramentas apropriadas para interação digital pensadas especificamente para o IFSC/Câmpus e a intervenção na instituição pelo governo federal”.

As participantes destacam ainda que as atividades de ensino remoto têm impactado suas vidas pessoais pelo “[...] cenário de insegurança, medo e incertezas, diante da crise de saúde pública, política e econômica” (P2). Relatam também a preocupação com os impactos desse momento na vida dos alunos e suas famílias: são situações de risco, vulnerabilidade e desigualdades sociais que vão sendo agravadas pela pandemia.

Pode-se dizer que o esforço dispensado pela equipe para minimizar esses impactos negativos nos alunos, além da falta de planejamento prévio para o atendimento à distância, gerou uma sobrecarga de trabalho aos servidores, pois, como bem diz aquele ditado: “para quem não sabe para onde vai qualquer caminho serve”. Nesse sentido, os servidores relataram que as horas de trabalho dedicadas à instituição extrapolaram a vida pessoal, eles passaram a dedicar-se quase que integralmente ao home office no atendimento às demandas laborais.

Como já dissemos, os profissionais foram colocados em afastamento social, entretanto, aqui toma forma e se misturam relações de trabalho com relações familiares, e mais uma vez, destaca-se outra questão imposta pela pandemia. Nas palavras de (P12) “Conciliar atividades do IFSC com rotina familiar (2 crianças)”, não é fácil. Assim como também afirmou (P21) que encontra dificuldades para “Conciliar o trabalho remoto com a rotina familiar, filhos pequenos e esposo também em trabalho remoto”. Para (P21), como determinar a carga horária regular de trabalho, já que as reuniões em teleconferências extrapolam o espaço individual e familiar?



Diante disso, para os servidores diminuir a quantidade de trabalhos deveria ser a regra, mas com que parâmetro? Se do outro lado havia seres humanos [estudantes e professores] sozinhos dentro de um contexto de afastamento social demandando apoio desses profissionais, para desenvolverem, a todo o custo, suas atividades curriculares e manter a “normalidade imposta pelo sistema” não deixando com que os alunos “perdesse o ano letivo”.

Diante das experiências relatadas pelos profissionais buscamos conhecer as estratégias utilizadas para superar os desafios impostos pelo isolamento social no exercício de sua profissão. Percebemos a diversidade de alternativas encontradas pelos profissionais das equipes multidisciplinares para desenvolver da melhor forma possível as suas atribuições diante desse contexto inusitado. As falas dão conta da preocupação destes profissionais em não perder o vínculo com a comunidade escolar. Nas palavras de (P1) a estratégia encontrada por ela e pelos colegas foi abrir uma conta no instagram para tentar melhorar a comunicação com os/as discentes por vídeos explicativos.

Uma estratégia encontrada pela participante (P22) foi realizar atividades remotas, como oficinas e campanhas de distribuição de alimentos para não perder de vista no horizonte a manutenção de vínculos com os estudantes. Para ela, é fundamental a manutenção dos vínculos no sentido do estudante não abandonar o espaço escolar.

Da mesma forma, foram estruturadas pesquisas para conhecer a realidade dos estudantes. Também foram mantidas rotinas e planejamento de atividades setoriais, que na fala da participante (P12) objetiva compartilhar as dificuldades com a equipe para tentar encontrar soluções coletivamente. Destaca-se a importância do trabalho de grupo, bem como a troca de experiências buscando o diálogo com os demais profissionais da equipe,

docentes e gestão, mesmo que de forma remota. Já a participante (P2) buscou planejar as atividades considerando as várias dimensões da vida buscando equilíbrio: física, emocional, intelectual, social (apesar do distanciamento), afetivo e espiritual.

Notamos que mesmo passando por uma situação pandêmica os profissionais das coordenadorias pedagógicas também estão aproveitando o momento para buscar terapias alternativas de saúde, capacitações e autoformação, leituras e estudos, objetivando qualificar o atendimento aos alunos e professores. Para a participante (P17) o momento requer resiliência e esperanças para enfrentar e superar as dificuldades apresentadas pelo atual cenário.

Nesse mesmo horizonte, 29% dos participantes da pesquisa nos remetem a reflexão de um dado importantíssimo: observou-se que a maior dificuldade dos estudantes é a organização da rotina de estudos à distância, e o aprendizado sem o apoio presencial do professores. Além disso, outros problemas apontados pelos profissionais, estão relacionados com a diversidade de condições sociais em que os estudantes estão inseridos. Para a participante (P23) as questões econômicas, sociais e psicológicas perpassam e influenciam o aprendizado dos estudantes. Destacadamente a falta de recursos financeiros devido a situação econômica das famílias afetadas pela pandemia. A esta acresce as dificuldades para se conectar com as famílias ou conciliar a rotina diferenciada do trabalho.

De acordo com a participante (P11) os estudantes apresentam também insegurança e instabilidade emocional, assim como, dificuldades em adequar sua rotina familiar, a rotina de estudos em casa, devido ao momento de restrições.

Outra importante dificuldade enfrentada pelos estudantes e verificada pelos profissionais, dá conta da evidente falta de equipamentos de acesso para



o ensino remoto tais como: computadores e celulares. Ainda há os estudantes que se encontram em condições precárias ou sem acesso à internet, ao sistema do IFSC e aos materiais disponibilizados pelos professores. Nas palavras da participante (P19) os alunos também apresentam dificuldade para seguir a metodologia do professor, conciliar a tensão doméstica, de ter espaço para estudo.

As participantes discorreram sobre quais os impactos do afastamento pela pandemia no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Para a assistente social (P01) esses são seríssimos e ela destaca que “o nosso país é extremamente desigual na área da Educação, para ela esse acesso restrito às ANP, só agravarão os problemas vivenciados pelos/as discentes nesse contexto”.

Na análise das pedagogas que participaram da pesquisa destacamos as falas da participante (P03) frisando “que haverá acirramento das desigualdades educacionais, exclusão escolar e dificuldades de aprendizagem ou um aprendizado deficiente/roso”. Já para a participante (P5) os impactos na aprendizagem são “os piores possíveis, contribuindo para o aumento das injustiças aos que menos possuem, aos que menos conseguem aprender”. A participante (P27) observou que os alunos em fase de preparação para o ENEM, também serão prejudicados.

Sobre os efeitos na saúde mental, a participante profissional (P2) afirma que os alunos estarão expostos ao “desenvolvimento e acirramento de sofrimento psíquico (ansiedade, depressão, medos, conflitos, etc). A assistente social (P13) destaca que percebeu a “Ansiedade, desmotivação, necessidade de fazer escolhas sem perspectivas futuras, abandono dos estudos, tédio”, dos estudantes.

Nessa mesma linha, não podemos esquecer do fator trazido pela participante (P19) ao elencar que “o maior problema poderá ser a evasão

de estudantes-trabalhadores em função de problemas de desemprego ou outros ligados à renda. Outros podem se sentir desmotivados a prosseguir estudando”, causando evasão escolar e, por consequência, o analfabetismo e a pobreza.

Nesse mesmo patamar, a participante (P7) nos chama atenção e observa que é necessário uma conscientização dos docentes para a realização de um replanejamento de atividades ANPs aquando do retorno às aulas presenciais, pois a sobrecarga de atividades e demais situações ocasionadas pelo isolamento social poderá ser ainda maior do que imaginamos. Sendo assim, é necessário ter a sensibilidade de reconhecer que teremos um novo grupo de alunos com características modificadas por um processo de pandemia.

Outra dificuldade que aparece no processo de ensino e aprendizagem em tempos de pandemia é a

[...] falta de compreensão dos conteúdos. Principalmente aos alunos com dificuldades de aprendizagem, TDHA, público da educação especial, alunos com questões emocionais e vulnerabilidade social. Para este público, as ANPs podem ser ainda mais excludentes (P8).

É importante mencionar que as atividades remotas [processo imposto pela pandemia] às instituições escolares deixarão grande sequelas no cenário educativo brasileiro: aprofundará o processo de exclusão pela precarização das condições de aprendizagem, evidenciará a defasagem no processo educacional pela dificuldade de acesso dos alunos mais vulneráveis às ferramentas tecnológicas (computador, celular, internet) necessárias para as atividades remotas, assim como, destaca que as aulas ANP centradas somente na transmissão de conteúdo, não atende aos pressupostos de uma educação qualificada para a transformação social emancipadora. Nas palavras



de Freire (2007: 44) “Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação”.

A participante (P22) é otimista e sinaliza a necessidade de manter a esperança mesmo em meio a uma crise pandêmica e resistir. Ela afirma que “o cuidado com as vidas está acima de tudo, sem deixar de vislumbrar no horizonte os nossos projetos pessoais”. Cortella (2015) corrobora indicando a necessidade de ter esperança. O autor afirma: “Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo [...]”. (2015: 22).

Na visão dos entrevistados, passada a pandemia, não voltaremos à normalidade que tanto almejamos. Para a participante (P2) “No futuro, teremos que (re) pensar nossa prática educativa e (re)avaliar todo processo e pensar alternativas de uma educação realmente inclusiva. Essa pandemia fez com que máscaras caíssem, mostrando nossa (real) realidade. Espera-se que aprendemos a importância da integração na educação e articulação entre os saberes”. Para a participante (P6) “teremos um mundo mais conectado”. O acesso e introdução das TICs será mais efetivo e fará parte da metodologia docente. Nessa mesma linha, nas palavras da participante (P16) “a educação à distância vai acabar ganhando força após a pandemia, porém isto não pode ser sinônimo de sucateamento do conhecimento”.

Os nossos pesquisados olham para o futuro da educação com insegurança e visualizam riscos e potencialidades. Para a participante (P20) pode-se pensar na aprendizagem do uso de alguns instrumentos tecnológicos, potencializados pelo isolamento social, ou mesmo a criação de novos materiais didáticos por docentes, que podem ser aproveitados posteriormente. No entanto, acredita

que os riscos são bem maiores que os benefícios, com precedentes abertos para o uso mais acentuado de ensino não presencial, a desvalorização do ensino público e a precarização das relações de trabalho, como redução da carga horária e salários em função do trabalho remoto.

Neste contexto a participante (P18) diz que o futuro requer reorganização com o trabalho e com os estudos em todos os setores, alguns promovidos pela evolução tecnológica e a participante (P24) afirma que o futuro será um desafio muito grande que exigirá um constante reinventar-se para os alunos dado que muitos têm dificuldade de manter uma rotina, uma agenda, pelo que futuramente teremos alunos bem organizados e que conseguem estudar sozinhos. No futuro, no nosso trabalho usaremos bem mais as tecnologias de comunicação e informação.

Também nos parece evidente nas falas de vários profissionais da educação a descrença em mudanças significativas no contexto político. De acordo com a participante (P12) as perspectivas não mudarão, “[...] enquanto a vida das pessoas não for prioridade em nível macro, prioridade dos governantes”. Na visão da participante (P7) o cenário político também é responsável por instaurar um clima de insegurança pois não temos,

[...] as diretrizes necessárias para se ter o mínimo de dignidade diante do tamanho da problemática da pandemia. As políticas públicas existentes são ineficazes, muitas fragilidades, tanto com relação a uma educação excludente em todos os sentidos, pois os pais não estão preparados para o processo de ensino aprendizagem e as crianças não estão preparados para aprenderem isoladas, o ser humano não está e não é preparado para viver isolado. A educação do futuro deverá ser muito bem repensada, replanejar com consciência de enxergar as



dificuldades do outro, compreender os impactos de todo o período. Trabalho tanto na educação quanto nas demais áreas necessitará de uma reorganização, principalmente conscientização de todos para lembrarem seus valores, direitos e a busca da dignidade humana” (P7).

Para a participante (P17) “infelizmente a educação pública está sendo tratada, como sempre foi, a serviço da manutenção das desigualdades sociais, educação a serviço de um projeto capitalista. Não tenho esperança de que a educação seja prioridade nesse país. Temos projeto de governo e não temos projeto educacional, infelizmente cada governo destrói processo já iniciado e a educação fica nesse processo instável ao serviço do mercado financeiro que vai na contramão da concepção de educação como um direito, transformando-a em um serviço, uma mercadoria”.

A participante (P21) destaca que o “momento é de reflexão, análise e repensar”. No quesito educação enquanto política pública é preocupante, assim como é preocupante toda a situação atual que assola nosso país. Um momento de retrocesso em todos os sentidos. O que esperar disso? São muitas as incertezas. Já no quesito trabalho no futuro acredito que estamos avançando para uma modalidade acelerada de trabalho sem levar em conta outros fatores que levarão ao um adoecimento psíquico dos trabalhadores.

É importante ressaltar a esperança demonstrada pela participante (P28) ao afirmar que para o futuro, existe um “desafio de aprender a viver sem depender tanto das outras pessoas, mantendo o foco no trabalho, preservando a saúde mental e sendo autodidata”. A participante (P26) entende que as equipes multidisciplinares terão suas demandas pedagógicas, psicológicas e sócio-assistenciais significativamente aumentadas. E os reflexos se entenderão por algum tempo, visto que foi percebido

pelos entrevistados que os alunos já apresentam, conforme evidencia a participante (P23) “um atraso significativo e desânimo por parte dos alunos”.

Mesmo diante de todas essas reflexões, desafios, perspectivas e soluções encontradas no cotidiano de trabalho destes profissionais, a maioria deles relata sentimentos de total despreparo, abandono pelo poder público, impotência para atender às demandas dos/as discentes, tensão, esgotamento, sentimento de sobrecarga, dificuldades, pressão, angústia, exaustão, incertezas, impotência de não conseguir contato pessoalmente com os estudantes, apreensão, preocupação com a aprendizagem dos alunos, dentre tantos outros. Na mesma linha, a participante (P13) acrescenta que sua angústia e estafa mental está relacionada a sensação de que devemos estar 24h/dia conectados e à disposição das demandas institucionais.

Também agrega sentido e nos chama atenção a fala da participante (P1) que nos remete a pensar sobre a sensação que envolve praticamente todos os profissionais da educação nesse momento de pandemia. Ela se refere ao sentimento de “estar deixando a vida pessoal de lado ou de estar fazendo pouco pelos alunos”. Entretanto, para a participante (P8) sempre há uma saída e um aprendizado diante daquilo que se experimenta. Ela afirma: “temos a certeza de que estamos dando o nosso melhor para contribuir com o processo de ensino aprendizagem, para a formação do indivíduo e para escrever um novo capítulo da nossa história, que ficará marcada para nós e gerações futuras”. Para ela não se pode é cruzar os braços, devemos buscar conhecimento, refletir sobre nossas ações e melhorar a cada dia como profissionais, pais e ser humano”. Para nós, a pandemia nos coloca nada mais do que um grande desafio!

A equipe de profissionais das coordenadorias pedagógicas percebe que a falta de informações



necessárias para compreender o momento atual nos joga no desespero de não saber como contribuir com o grupo dentro nas atribuições que lhe cabem. As suas vidas estão recheadas de incertezas com relação às atividades profissionais. A única certeza que temos é de que não temos certeza de nada. Estamos num caminho que ainda não sabemos onde é que ele vai dar. A participante (P18) afirma que o seu sentimento é de desespero, porque percebe, de forma geral, falta flexibilização e reflexão sobre as metodologias, prática pedagógica e planejamento educacional para esse tempo de pandemia. Houve apenas uma transferência de método, sem muitas reflexões. Falta consciência sobre a importância das reuniões pedagógicas para estudos, diálogo e reflexão sobre processos pedagógicos e planejamento, cada um faz como pensa ser melhor. Falta uma proposta reflexiva, interdisciplinar e flexibilizada da realidade num processo de ensino aprendizagem.

Complementando os sentimentos frente à pandemia a participante (P28) diz que seu maior desafio está na importância de se conhecer a si mesma. A educação deve acompanhar a evolução da sociedade, e tal processo inclui entender quem somos, identificar nossas emoções, pois quanto mais eu me conheço mais eu consigo potencializar o processo.

Conclusão

Com este estudo percebemos que, num curto espaço de tempo, muitas foram as demandas emergenciais provocadas pela pandemia. Diante desse cenário foi preciso nos reinventarmos como equipe multidisciplinar de educação, e profissionais da linha de frente no atendimento aos estudantes, professoras e familiares. O impacto na vida das participantes na pesquisa foram diversos, de ordem social como a perda do espaço privado do lar, a sobrecarga de trabalho, dificuldades em

conciliar o trabalho com a rotina de casa, a falta de equipamentos e de estrutura adequada para realizar as atividades remotas, a perda de contato com alunos, e principalmente dificuldades psicológicas diante de um cenário de insegurança, medo e incertezas, diante da crise de saúde pública, política e econômica.

Com a ajuda das tecnologias, a maioria das escolas segue suas atividades, contudo, os profissionais da coordenação pedagógica chamam atenção para que precisamos de avançar muito para que todos os estudantes possam ser incluídos nas tarefas online, por isso a necessidade de repensar a prática continuamente e fomentar instrumentos de acesso às mídias digitais aos estudantes, como ferramentas de inclusão educacional e social.

Foram diversas as mudanças impostas aos profissionais da educação pela pandemia. Os profissionais em questão destacam a necessidade de um novo olhar à educação capaz de superar as visões tecnicistas e dar uma nova forma ao processo de ensino e aprendizagem, ancorados em relações mais humanizadas e comprometidas com as pessoas. É necessário refletir em como podemos promover a inclusão social e aprender a articular conhecimentos e saberes; aprender a utilizar tecnologias de aprendizagem; proceder à atualização do currículo para saber lidar com as ANPS e EAD.

As estratégias encontradas pelo profissional para desempenhar suas atividades mostram que a educação tem profissionais comprometidos com a transformação social: mesmo diante do grave contexto vivido, buscam considerar alguns aspectos positivos diante do isolamento social.

O público alvo da pesquisa também deixam claro outra grande preocupação com o “pós-pandemia” e com os impactos que a Covid-19 causará na vida das pessoas. Na vida dos estudantes os



impactos citados pelos profissionais serão muito sérios, pois o nosso país é extremamente desigual na área da Educação. A falta de acesso às tecnologias e por conseguinte o acompanhamento das aulas, poderá causar o acirramento do analfabetismo, conhecimento raso, o aprofundamento das desigualdades sociais e aumento da pobreza.

Nesse momento cada estudante está em sua casa e os servidores buscam atendê-los em suas necessidades da melhor maneira possível em home office, porém, concordamos que não conseguimos fazê-lo de forma efetiva. Mas, somos a linha de frente e buscamos por garantir-lhes a manutenção do vínculo com a escola. É fato, de acordo com nossos entrevistados, que no retorno às atividades presenciais muitos serão os impactos psicológicos, bem como a prevalência de respostas emocionais negativas expressadas pela culpa, tristeza, raiva, ansiedade, dentre outros. Cabe à escola estar preparada para lidar com essa premissa e esse grande desafio. Na perspectiva do trabalho multidisciplinar o IFSC tem equipes pedagógicas compostas por vários profissionais e estes certamente poderão contribuir para minimizar os impactos trazidos pela pandemia, mas, precisam de formação e planejamento, com vistas a evitar o abandono e evasão escolar.

Aqui se destaca outro importante fator a ser considerado nas atividades durante a pandemia. É imprescindível qualificar o processo de ensino e aprendizagem e para isso é fundamental formação para os docentes, coordenadorias pedagógicas e gestão, dado que não se tem experiência em lidar com o processo ensino-aprendizagem em tempos de pandemia. Por isso, investir em formação e planejamento são pilares basilares para ter êxito nas atividades propostas, bem como no desenvolvimento das atribuições de cada profissional diante do isolamento social nas atividades não presenciais.

A pandemia também nos fez olhar para dentro de nós, e perceber qual é a nossa verdadeira função enquanto servidores de uma instituição de ensino. O caos se instalou na sociedade, mas precisamos estabelecer sentido e fazer a nossa lição de casa. Para que serve a educação senão para melhorar a vida da população? Podemos transformar essa crise que estamos vivendo em um momento de aprimoramento das relações humanas estabelecidas entre os profissionais da educação e a comunidade escolar.

E por último, mas não menos importante, podemos afirmar que a geração do século XXI está vivendo uma experiência única. Esperamos que mesmo com esse sofrimento coletivo, tenhamos resultados positivos, pessoas mais reflexivas, mais humanizadas e resilientes, mas não passivas diante do atendimento ao próximo. Que a empatia seja a palavra de ordem e a evolução humana um objetivo comum.



Referências

- ALMEIDA, F. (1998). *Educação e Informática os computadores na escola*. São Paulo: Cortez
- BATTISTELLA, Clarissa (2020). SC registra mais 36 mortes por coronavírus, o número diário mais alto do Estado durante a pandemia. En: *DC. Diário Catarinense*, 15/07/2020. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/sc-registra-mais-35-mortes-por-coronavirus-o-numero-diario-mais-alto-do-estado-desde-o>>. Consultado em: 15.07.2020.
- CHADE, J. (2020). OMS admite possível transmissão do vírus pelo ar e pede novos estudos. En: *UOL Notícias*, 09/07/2020 - Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/07/09/oms-admite-possivel-transmissao-do-virus-pelo-ar-e-pede-novos-estudos.htm?cmpid=copiaecola.09/07/2020 14h18>>. Consultado em 19.09. 2020.
- CORTELLA, M. S. (2015). *Educação, convivência e ética: audácia e esperança*. São Paulo: Cortez
- DECRETO no 9.235, de 15 de dezembro de 2017. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=78741-d9235-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Consultado em: 15.07.2020
- FREIRE, P. (2004). *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: UNESP.
- FREIRE, P. (2007). *Educação como prática da liberdade*. 30. São, Paulo: Paz e Terra.
- IFSC. Blog do IFSC. Disponível em: <<https://www.ifsc.edu.br/post-ifsc/1872468/coronav%C3%ADrus-o-que-fazer-enquanto-as-aulas-presenciais-est%C3%A3o-suspensas>>. Consultado em: 15.07.2020.
- IFSC. Portaria da reitoria nº 1178, publicada em 16/03/2020 Comitê Operativo de Emergência (COE) do Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<https://www.ifsc.edu.br/documents/30681/1852909/Portaria+retificada/6ace3bca-9a62-4ff7-a0c2-92352072ada4>>. Consultada em: 10.19.2020.
- LIBÂNEO, J. C. (2014). *Adeus professor, adeus professora?* São Paulo: Cortez.
- MAINART, D. A.; SANTOS, C. M. (2010) A importância da tecnologia no processo ensino-aprendizagem. In: Congresso Virtual Brasileiro de Administração, 7, 2010. Anais, 2010. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_1201.pdf>. Consultado em: 02.06.2020.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Consultado em: 15.07.2020.
- MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. Lei nº 13.979/2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm>. Consultado em: 15.07.2020.
- MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO - MEC. LDB - Lei nº 9394/96. (1996). Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Consultado em: 15.07.2020.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Coronavirus disease (COVID-19) Geneva: World Health Organization; 2020 [cited 2020 Mar 3]. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>>. Consultado em: 02.07. 2020.
- ZURRO, A. M., FERREROX, P., BAS, C. S. (1991). *A equipa de cuidados de saúde primários: manual de cuidados primários*. Lisboa: Farmapress Edições,

